

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA JÚNIOR

**Desenvolvimento e Democracia na Sociologia de
Florestan Fernandes e Pablo González Casanova:
possibilidades e impedimentos do seu pleno
desenvolvimento no Brasil e México**



ARARAQUARA – S.P.

2013

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA JÚNIOR

**Desenvolvimento e Democracia na Sociologia de
Florestan Fernandes e Pablo González Casanova:
possibilidades e impedimentos do seu pleno
desenvolvimento no Brasil e México**

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura e Pensamento Social

Orientador: Milton Lahuerta

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.

2013

Silva Júnior, José Antônio da
Desenvolvimento e democracia na Sociologia de Florestan Fernandes e
Pablo González Casanova: possibilidades e impedimentos do seu pleno
desenvolvimento no Brasil e México / José Antônio da Silva Júnior – 2013
124 f; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)
Orientador: Milton Lahuerta

I. Democracia. 2. Fernandes, Florestan, 1920-1995.
3. González Casanova, Pablo, 1922. I. Título.

Desenvolvimento e Democracia na Sociologia de Florestan Fernandes e Pablo González Casanova:

possibilidades e impedimentos do seu pleno desenvolvimento no Brasil e México

Dissertação de Mestrado, apresentada no Programa de Pós em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura e Pensamento Social

Orientador: Milton Lahuerta

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 28/02/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Doutor Milton Lahuerta

UNESP.

Membro Titular: Doutora Patrícia Olsen

CPFL Cultural

Membro Titular: Doutora Kátia Aparecida Baptista

UNESP.

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Agradecimentos

Aos meus pais, José Antônio e Cristina Valéria e a minha irmã, Ingrid Lopes, pelo apoio em minhas escolhas e pela sempre marcante presença em todas as fases da minha vida, me incentivando nos momentos difíceis e acreditando em meu trabalho. Aos meus tios, Valdomiro e Elisangela que me acompanharam em São Paulo e cuidaram de mim em todos os sentidos possíveis. Agradeço o amor e o carinho que recebi em todos esses anos.

Ao meu orientador, Milton Lahuerta, pela confiança e pela seriedade demonstrada em relação ao meu trabalho e acima de tudo, pela amizade construída nesses dois anos de convívio e muito aprendizado.

Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento e pelo apoio à minha pesquisa no terceiro e quarto semestre do Mestrado, garantindo dessa forma as condições necessárias e desejáveis para que tal pesquisa se concretizasse.

RESUMO

A democracia é o objeto de muitos estudos no Brasil, México e outros países latino-americanos. Pesquisas realizadas em torno da formação da nação, desenvolvimentismo, alcançando direitos sociais e políticos são aplicadas na América Latina por diversas ciências, assim como a Sociologia. O foco dessa pesquisa é um estudo comparativo sobre as condições que criaram e desenvolveram a democracia no Brasil e México a partir das análises realizadas por Florestan Fernandes e Pablo González Casanova. O foco será as décadas de 50 e 60 do século XX, quando ambos os sociólogos começaram a desenvolver importantes trabalhos que marcaram suas carreiras e que tiveram como preocupação as reais condições e possibilidades da ampliação da democracia no cenário brasileiro e mexicano com o desenvolvimento do capitalismo moderno. Por fim, nosso objetivo é mostrar de que maneira os dois autores, através de recursos próprios e distintos, buscaram conferir sentido a questão democrática e o desenvolvimento experimentadas pelas sociedades brasileira e mexicana. Isto posto, esperamos que a comparação aqui sugerida nos dê um melhor ponto de partida para pensar de que forma esses autores trataram a questão do desenvolvimento e da democracia em seus distintos contextos apontando suas peculiaridade e pontos em comuns. Assim, estudar a forma que esses autores compreenderam os obstáculos para plenitude democrática torna essa análise necessária, pois ela aponta caminhos para constituição de uma democracia adaptada a realidade brasileira e mexicana.

Palavras – chave: Florestan Fernandes; Pablo González Casanova; Democracia; Desenvolvimento; Sociologia.

ABSTRACT

The focus of this research is a comparative study on the conditions that created and developed democracy in Brazil and México from the analyzes performed by Florestan Fernandes and Pablo González Casanova. The focus will be the 50 and 60 of the twentieth century, when both sociologists have begun to develop important work that marked their careers and who had as concern the real conditions and possibilities of expansion of democracy in the Brazilian and Mexican with the development of capitalism modern.

Keywords: Democracy, Developing, Florestan Fernandes, Pablo González Casanova

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA JÚNIOR, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA.**

Aos 03 dias do mês de abril do ano de 2013, às 10:30 horas, no(a) Sala 107, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MILTON LAHUERTA do(a) Departamento de Antropologia, Política e Filosofia / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. KATIA APARECIDA BAPTISTA do(a) Laboratório de Política e Governo / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. PATRÍCIA OLSEN DE SOUZA do(a) CPFL Cultura, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA JÚNIOR, intitulado "Desenvolvimento e Democracia na Sociologia de Florestan Fernandes e Pablo González Casanova: possibilidades e impedimentos do seu pleno desenvolvimento no Brasil e México". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MILTON LAHUERTA

Profa. Dra. KATIA APARECIDA BAPTISTA

Profa. Dra. PATRÍCIA OLSEN DE SOUZA

Sumário

INTRODUÇÃO

10

Primeiro Capítulo: Um breve Histórico

Erro! Indicador não definido.

O processo de industrialização

Erro! Indicador não definido.

A temática do desenvolvimento

Erro! Indicador não definido.

As décadas de 1950 e 1960: crises e lutas sociais

Erro! Indicador não definido.

Institucionalização da Sociologia na América Latina

Erro! Indicador não definido.

Segundo capítulo: México

Erro! Indicador não definido.

Ciências Sociais no México

Erro! Indicador não definido.

Pablo González Casanova

Erro! Indicador não definido.

Desenvolvimento Econômico

Erro! Indicador não definido.

Democracia no México

Erro! Indicador não definido.

Conclusão

Erro! Indicador não definido.

Terceiro Capítulo: Brasil

Erro! Indicador não definido.

A Sociologia no Brasil

Erro! Indicador não definido.

Florestan Fernandes

Erro! Indicador não definido.

Industrialização e desenvolvimento econômico no Brasil

Erro! Indicador não definido.

As possibilidades da democratização no Brasil

Erro! Indicador não definido.

Revolução Burguesa

Erro! Indicador não definido.

Conclusão

Erro! Indicador não definido.

Quarto Capítulo

18

Conclusão

27

Siglas e abreviaturas utilizadas no texto

Erro! Indicador não definido.

Referências

Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

A dissertação em questão é fruto das atividades desenvolvidas ao longo do programa de mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, e mais ainda, de um acúmulo científico investigativo cujo impulso está associado ao grupo de pesquisa Pensamento Social e Teoria Social liderado pelo Professor Doutor Milton Lahuerta.

A atual pesquisa se assenta sobre o estudo da constituição e formulação do pensamento social latino americano focado em dois dos principais sociólogos e considerados pais fundadores da sociologia nessa região, Florestan Fernandes e Pablo González Casanova. Será dada ênfase para o movimento histórico, econômico, político e social a partir do qual tal pensamento é gestado, bem como sua estrutura de pensamento e tem por objetivo apresentar e sistematizar o pensamento de Florestan

Fernandes e Pablo González, considerando, sobretudo, suas concepções acerca da problemática da Democracia e Desenvolvimento Econômico.

A opção pelo estudo desses dois autores se deu em função da relevância de seus estudos no debate latino-americano sobre a relação da Democracia com o Desenvolvimento Econômico. O pensamento de Pablo González tem introdução maior ao cenário acadêmico de língua espanhola, encontrando certa interlocução na academia brasileira. Apenas nos últimos anos, alguns livros de Casanova foram traduzidos para português, mas mesmo assim, interpretações e análises sobre suas obras ainda são escassas nos programas de pós-graduação em universidade brasileiras.

A periodização que norteará essa pesquisa abrange o período que vai de 1950 a fins de década de 1960. Tal delimitação temporal se justifica, pois os anos cinquenta foram decisivos na formação intelectual de ambos o sociólogos e na década de sessenta foram escritos seus trabalhos de maior relevância acadêmica no que tange ao tema da Democracia e Desenvolvimento Econômico.

O padrão sobre a qual esta dissertação se guia esta associada aos estudos sobre Pensamento Social, e especialmente, sobre do Pensamento Latino-americano, na medida em que se debruça sobre a compreensão do pensamento de Florestan Fernandes e Pablo González Casanova. Seguindo essa linha de raciocínio, esta pesquisa tem a intenção de compreender o arcabouço teórico de ambos os autores e situa-los em seus respectivos contextos com a intenção de melhor compreender os conceitos por eles construídos. Esse objetivo tem como busca, a tentativa de apreensão da configuração das estruturas política, econômica e social e o peso que essas configurações exerceram na construção intelectual dos autores em questão. A necessidade da compreensão do trabalho sociológico nos traz a indigência de apreender a partir do passado, condições particulares que foram responsáveis pela construção de determinado pensamento e quais as motivações e necessidades daquele período que guiaram a escolha pela investigação da relação entre Democracia e Desenvolvimento Econômico.

Pablo e Florestan tiveram suas carreiras marcadas pelo intenso trabalho de compreensão da realidade política, econômica e social da América latina. No desenvolvimento desse processo de construção teórica estabeleceram diálogos com inúmeros cientistas sociais que também buscavam compreender a realidade dos países dessa região. São vários os autores que estabeleciam um dialogo crítico acerca dos distintos problemas que existiam naquele período, como por exemplo, Gino Germani,

Lucio Mendietas, Jose Medina, Fernando Henrique, Octavio Ianni entre muitos outros que tinham como objetivo entender a complexidade latino-americana diante aos problemas comuns e distintos que os países dessa região vivenciavam. As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela intensa politização, pois vários países da América Latina estavam sob regimes autoritários e a Guerra Fria¹ provocava intensos debates não apenas na arena política, mas também no interior das universidades. Debates acerca do desenvolvimento, democratização, revolução e contra revolução deram a tônica das investigações das Ciências sociais no período.

Dada a amplitude e complexidade das questões tratadas por Florestan Fernandes e Pablo Gonzáles no período analisado, a dissertação se restringe à interpretação que os autores fizeram do fenômeno do Desenvolvimento Econômico e da Democracia, considerando, para isso, os elementos fundamentais a tal análise.

A constituição do pensamento de Fernandes e Casanova esta inscrita em um momento histórico de profundas mudanças no sistema internacional, mudanças essas que se manifestaram concretamente tanto nas dimensões política, econômica e social latino-americanas, quanto na efervescência intelectual produzida na mesma região. A crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial deram a oportunidade de reestruturação nas economias dos países latino-americanos, tendo consequências não apenas no campo social e político, mas também repercutindo nas análises acadêmicas sobre a relação do desenvolvimento econômico e a o processo de democratização em países como Argentina, Brasil e México, cenário propício à criação de um pensamento próprio a realidade desses países. Em meio à complexa conjuntura que vivia a América Latina, marcada por possibilidades e incertezas, e às discussões político-teóricas dela emergidas, desenvolveram as análises sobre a Democracia e sua relação com o Desenvolvimento Econômico nos países que comporiam essa região.

¹ A expressão Guerra Fria era utilizada para descrever o estado de forte tensão político-militar entre o bloco Ocidental liderado pelos Estados Unidos e o bloco de Leste liderado pela antiga União Soviética (URSS) que se viveu durante quase toda a segunda metade do século XX. Embora nunca se tenha chegado ao confronto armado entre os dois blocos, as agressões mútuas, de que se destacam a corrida aos armamentos, a intervenção em diversos conflitos regionais (de que são exemplos a guerra da Coreia, a guerra do Vietnã, a guerra de Angola, entre outras), a crise dos mísseis em Cuba e a questão de Berlim, faziam parecer que um novo conflito estava iminente. A Conferência de Helsinque em 1979 e a subida de Mikhail Gorbachev ao poder na União Soviética viram atenuar o clima de tensão existente. Já no final da década de 1980, o desmembramento da União Soviética, o final do regime comunista nos diversos países do Leste Europeu e a quebra do Muro de Berlim colocaram um fim definitivo à Guerra Fria.

A Sociologia expressou as profundas transformações que sofreu a América Latina no século XX. As questões que foram problematizadas no interior dessa ciência se ligam muito a realidade vivida em cada período e país dessa região. Podemos destacar questões centrais que permeavam o pensamento dos intelectuais desses distintos países, como por exemplo, o Estado, Nação, Identidade, Desenvolvimento, Mudanças Sociais, Democracia e Autoritarismo.

A América Latina pode ser vista como um vasto laboratório de modos de vida e trabalho, formas de sociabilidade, possibilidades políticas que flutuam entre o vai e vem do Autoritarismo e da Democracia. Essas distintas configurações são capazes de criar formas próprias de política que temos como exemplo o modelo do Cardenismo no México, Peronismo na Argentina e Vargasismo no Brasil. Esses modos de se fazer e viver a política são realizações originais de combinações excepcionais de forças sociais dominantes e subalternas latino americanas (Ianni, 2005).

No século XX a sociologia foi sendo desenvolvida através de inúmeros trabalhos de alguns intelectuais que começaram a reinterpretar nossa história a partir de suas particularidades. Na Argentina temos Gino Germani, no México José Medina e Pablo González, no Peru José Mariátegui e no Brasil temos como principais representantes Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes e Costa Pinto. Esses autores foram construindo em seus respectivos países, leituras originais e inovadoras a respeito de suas histórias, ou seja, foi uma maneira de começar a pensar a América Latina a partir da América Latina.

Octavio Ianni coloca de maneira exemplar o papel que as ideias e seus produtores exercem e exerceram na América Latina:

Aqui, outra vez, coloca-se o desafio: o mesmo pensamento que descreve, compreende, explica ou nomeia, participa decisivamente da constituição do objeto, seja esta coisa, gente ou ideia. Assim, o pensamento social pode ser visto como uma forma de autoconsciência da realidade, elaborando códigos ou taquígrafias, com os quais participa da formação do objeto, conferindo-lhe fisionomia e movimentos, modo de ser e devir. Quem nomeia, constitui, articula e significa o nomeado, seja este real ou imaginário (IANNI, 2005).

Para tanto, este trabalho tem o objetivo de discutir o papel que o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes e o mexicano Pablo González Casanova representaram

na formação da Sociologia em seus respectivos países e na América Latina. O palco em que ambos os sociólogos utilizaram para construção da Sociologia é a Universidade de São Paulo e a Universidade Nacional Autônoma do México. Em ambas as Universidades foram criados centros de pesquisas que possibilitaram o estudo sistemático do desenvolvimento social e econômico que Brasil e México estavam passando nas décadas de cinquenta e sessenta.

Através da análise com a matéria textual produzido por esses dois autores entre os anos de 1950 e 1960, procuramos identificar as principais diferenças que, ao longo do tempo, foram se depositando em suas teorizações a respeito da Democracia e do Desenvolvimento Econômico. Além disso, o enfoque comparativo adotado aqui possibilita contrastar as diferentes soluções encontradas por Florestan Fernandes e Pablo González Casanova para alinhar os interesses do desenvolvimento econômico com o pleno desenvolvimento da democracia para condições específicas das sociedades brasileira e mexicana.

Acreditamos que a escolha desses dois sociólogos é justificável pela importância que assumiram na construção da sociologia em seus respectivos países e América Latina. De acordo com Maria Arminda, a descida do foco sobre um personagem justifica-se por ela compor a figura paradigmática:

Para falar como Bordieu: “Se, num estudo do campo da magistratura, não se considerar o presidente do supremo Tribunal da Justiça ou se, num estudo sobre o campo intelectual em França em 1950, não se considerar Jean-Paul Sartre, o campo fica destruído, porque estas personagens marcam, só por si, uma posição. Há posições de um só lugar que comandam toda a estrutura” (ARMINDA, 1995).

Assim sendo, a alvo desse trabalho é virar-se para o passado e perceber de que modo se dava a apreensão do pensamento político e sociológico diante dos dilemas que coexistem no contexto da América latina a partir do sociólogo Florestan Fernandes e Pablo González, considerados os pais fundadores da sociologia na América Latina. Partimos do pressuposto que apesar de existirem nítidas aproximações entre os trabalhos dos dois sociólogos, existem problemas distintos que o contexto específico de cada país trouxe para o interior das pesquisas que ambos executaram no Brasil e México.

Os questionamentos que ambos os sociólogos realizavam são muito semelhantes, fruto de uma época em que a urbanização está de fato se concretizando trazendo consigo o desenvolvimento industrial. Entre os diversos questionamentos, os principais são: até que ponto o processo de desenvolvimento industrial amplia a democracia? A estrutura política e de poder de um determinado país afetam de que maneira o desenvolvimento econômico? Existe uma crise na democracia?

Florestan Fernandes e Pablo González encararam o problema da transição da sociedade tradicional para moderna e descortinaram quais os desafios que ambos os países enfrentaram e ainda enfrentariam para plena institucionalização da democracia no Brasil e México. A pesquisa comparativa desses autores nos mostrará em que medida os dois países têm questionamentos semelhantes, enfrentaram e resolveram os mesmos problemas. Pensar como esses pesquisadores entenderam determinada realidade elucida os processos ocorridos e ajudam a encontrar pontos em comuns que são importantes para ampliação do diálogo que apontarão soluções mais eficazes para o desenvolvimento da democracia em ambos os países.

Deste modo, a intenção de Florestan Fernandes e Pablo González é investigar as mudanças sociais ocorridas no Brasil e México buscando encontrar um caminho que direcione os dois países a Democracia e o Desenvolvimento próprio a sua realidade. Uma das principais preocupações dos sociólogos está na investigação de um desenvolvimento que liberte suas nações de um estado de dependência econômica e cultural.

Para tal empreendimento Pablo González propõe acabar com o último vestígio de colonialismo intelectual que paira sobre as pesquisas realizadas acerca da América Latina. Sua intenção, assim como a de Florestan, é buscar analisar as relações existentes entre Desenvolvimento, Democracia, Política e Cultura com categorias próprias de uma sociologia de países subdesenvolvidos.

Portanto, para delimitar de modo mais claro o nosso material empírico neste trabalho, utilizo basicamente os textos de Florestan Fernandes e de Pablo Gonzalez que tenham tratado sobre a Democracia e Desenvolvimento Econômico entre fins dos anos 1950 e meados dos anos 1960. Evidentemente, este universo não esgota a totalidade de seus textos. Ambos já tinham começado a praticar sociologia de maneira sistemática desde os anos 40. Assim, recortamos deste universo apenas os textos que nos permitam reconstituir o processo de constituição da Democracia e Desenvolvimento Econômico

o que inclui desde as suas pesquisas empíricas da década de 1950 até as suas sínteses teóricas de fins dos anos 1960.

Isto posto, esperamos que a comparação aqui sugerida nos dê um melhor ponto de partida para pensar de que forma esses autores trataram a questão do Desenvolvimento e Democracia em seus distintos contextos apontando suas peculiaridade e pontos em comuns. Assim, estudar a forma que esses autores compreenderam os obstáculos para plenitude democrática torna essa análise necessária, pois ela aponta caminhos para constituição de uma democracia adaptada a realidade brasileira e mexicana.

A proposta desse trabalho consiste na elaboração de quatro capítulos acompanhados da introdução e conclusão. O primeiro capítulo fará um pequeno apanhado da história intelectual da América Latina. O esboço do processo histórico se faz necessário para melhor compreensão do real papel que a sociologia empreendeu na América Latina, especialmente no Brasil e México.

O enfoque que será dado no Segundo Capítulo será sobre a sociologia mexicana, representada pelo sociólogo Pablo González Casanova. No México a UNAM será o palco que minhas investigações terão como base. A formação da Sociologia no México e as influências de Sociólogos espanhóis foi um dos tópicos deste capítulo. Outro ponto de destaque é a formação intelectual de Pablo Gonzalez Casanova e sua relação com a sociologia mexicana e latino-americana.

A construção do arcabouço teórico de Casanova também foi esboçada nesse capítulo tendo como objetivo a explicação dos principais conceitos do autor, como exemplo, Colonialismo Interno e Sociologia da Exploração. A noção de desenvolvimento econômico e democracia e relação combinada de ambos os conceito é destaque no capítulo. Procurei explicar como para Pablo González é possível se alcançar a democracia e o desenvolvimento igualitária no México.

O terceiro capítulo discorrerá sobre a formação da sociologia no Brasil tendo como principal enfoque a sociologia paulista encabeçada pelo sociólogo Florestan Fernandes. Os principais pontos tratados nesse capítulo a formação acadêmica de Florestan e seu pensamento acerca do desenvolvimento da ciências sociais no Brasil. As análises sobre a construção dos conceito de ordem social competitiva, revolução burguesa, capitalismo dependente foram realizados na ultima parte do capítulo.

O Quarto capítulo fará as possíveis aproximações e distinções que a sociologia produzida por Florestan Fernandes e Pablo González apresentam. Realizar comparações acerca dos seus contextos, métodos e análises que ambos os sociólogos desenvolveram entre a década de cinquenta e setenta do século XX em seus respectivos países.

Quarto Capítulo

Ao longo deste trabalho vimos às diferenças construções conceituais realizadas por Florestan Fernandes e Pablo González para compreender as realidades do Brasil e do México. Até o momento foram trabalhos os conceitos de ambos os autores. Neste capítulo nossa intenção é cristalizar algumas diferenças e semelhanças do arcabouço teórico dos dois sociólogos. Diferenças que se explicitam pelos diferentes contextos periféricos as quais situavam os autores. Talvez compense fazer um balanço do nossa discussão até aqui.

Como já foi abordado, o século XX foi marcado por uma intensa criatividade nas ciências sociais no mundo, especialmente na América Latina, que passou a partir da década de 40 a produzir conhecimentos e ferramentas próprias para compreensão da realidade de cada país. Até agora foram discutidos conceitos como Colonialismo Interno, Sociologia da Exploração, Ordem Social competitiva, Revolução Burguesa, Demora Cultura entre outros conceitos.

Ainda que o trabalho de ambos os Sociólogos investigam aspectos relacionados a industrialização, conjugado com o desenvolvimento econômico e o processo de democratização no Brasil e no México, vimos que já haviam trabalhos anteriores que tinha o mesmo objetivo traçado por Fernandes e Casanova. Na primeira parte do trabalho destacamos o contexto econômico, social e político que os países da América Latina estavam inseridos e as perspectivas de pesquisas que visavam a compreensão do lugar que esses países ocupavam no economia mundial e os caminhos traçados, principalmente pela CEPAL, para a inserção internacional das econômicas latino-americanas.

Brasil e México após a década de 1930 estavam no topo do índice de crescimento econômico entre os países da América Latina e diferentemente de outros países dessa região sua população era bem mais volumosa se comparado com países como Argentina, Uruguai e Chile. Somado o número expressivo de sua população com altas taxas de crescimento econômico, esses dois países foram os que mais se aproximaram do êxito na transição da sociedade tradicional que tinha como base o modelo econômico agra-exportador para a sociedade moderna, tendo o modo de produção industrial e competitivo como forma que foi capaz de reconstruir os comportamentos sociais, econômicos e políticos.

Os temas que a sociologia se propôs a investigar nesse período, referente ao modernismo, industrialização, mudanças sociais, desenvolvimento entre outros, teve como objetivo romper com estudos que foram realizados em décadas anteriores em ambos os países. Florestan Fernandes tentou romper o passado “ensaísta” do pensamento político brasileiro, tendo como exemplos autores como Alberto Torres e Oliveira Vianna. Ambos os autores são classificados na linha do pensamento político autoritário, Alberto Torres via a solução da organização da nação:

A solução, pois, é política, e sua forma é necessariamente institucional: o Estado autoritário é o único meio de substituir o “circulo vicioso” da representação dos interesses oligárquicos pelo “circulo virtuoso” da representação dos interesses nacionais.

Torres foi um dos primeiros a formular propostas que questionavam a política liberal praticada no Brasil naquele período. Para ele o Estado supriria as imperfeições criadas pelo sistema liberal. O estado seria o único órgão capaz de formar os cidadãos, colocando a sociedade como dependente do Estado, substituindo dessa forma, a democracia política por uma democracia social:

A democracia social, sucedendo a democracia política, substitui-se o encargo falaz de formar e apoiar o cidadão – tipo clássico do titular dos direitos políticos – pelo encargo de formar e apoiar o “homem”, o indivíduo, o sócios da nação contemporânea. Formar o homem nacional é o primeiro dever do Estado Moderno (TORRES. 1982, p.229).

Fernandes vai contra a concentração do poder no Estado e deixa claro que a educação política parte da sociedade civil, principalmente dos Partidos políticos. A democratização do poder é outro ponto que diferencia Florestan Fernandes de autores dessa vertente do pensamento político Brasileiro. Para Florestan Fernandes, o autoritarismo é resquício da ordem escravista herdada pela nova ordem social competitiva, e tende a desaparecer conforme os avanços forem sendo alcançadas. O rigor metodológico é outro fator que Fernandes questiona em autores desse grupo do pensamento político brasileiro.

Já Pablo González dialoga mais diretamente com economistas mexicanos e norte-americanos que através de pesquisas quantitativas mostravam que o México vinha crescendo a índices significativos tendo com consequência o avanço no

desenvolvimento econômico e social mexicano. Casanova faz críticas a essas pesquisas tentando qualificar esses dados mostrando que as análises quantitativas, realizadas por elas mesmas, não pode ser usadas como critérios para a classificação do processo de desenvolvimento econômico e social do México.

O caminho tortuoso que trilhavam o processo de democratização da sociedade brasileira e mexicana foi acompanhado de perto por ambos os sociólogos. Para compreender esse processo construíram, como vimos, diferentes formulações para apreender os obstáculos e os caminhos a serem seguidos para que o desenvolvimento econômico com igualdade e a democracia fossem não apenas objeto de pesquisas mas sim realidades concretas de ambos os países. Ainda que os dois sociólogos tenham assinalados o sentido antidemocrático no processo histórico-social que analisavam, ambos concordavam que esses aspectos antidemocráticos eram apenas provisório, e dessa forma não caracterizando os países em destaque, como autoritários e antidemocráticos por natureza.

Ambos os autores sistematizaram suas ideias para além de seus países, compreendendo o estado da democracia na América Latina. Fernandes começa a se deter sobre problemas da América Latina quando ele começa a pensar sobre o capitalismo dependente tentando compreender como os países que se encontravam na periferia do capitalismo lidavam com os problemas derivados do desenvolvimento econômico sob a perspectiva da desigualdade e o processo democrático vivenciado nessa região. Tanto Fernandes quanto Casanova fugiram das análises realizadas acerca do desenvolvimento por etapas, e suas pesquisas que tiveram como foco a ausência de linearidade, não ficando restritos a investigações que buscavam a compreensão do desenvolvimento econômico a partir do modelo Europeu ou norte-americano.

As desigualdades já não eram entendidas como incapacidade de um determinado grupo da sociedade, no caso, o negro no Brasil e o índio no México. A desigualdade nos estudos de ambos os autores, recai sobre uma escolha política da classe dominante de cada país, que enxergavam na figura do negro, no Brasil, e do índio, no México, o verdadeiro motivo do “atraso” que esses países vivenciavam. A partir da década de 1930, diversos estudos já apontavam para impossibilidade desta causa e mostraram o impacto que as decisões a nível econômico e político tinham no avanço da desigualdade. Porém, com Pablo e Florestan, a busca pelos verdadeiros obstáculos e impedimento

para um desenvolvimento econômico, social e político tiveram resultados que foram além dos discursos classistas e econômicos.

Na Perspectiva de Casanova a desigualdade é consequência de uma dupla exploração. A exploração externa, com caráter imperialista, e a exploração interna, que como vimos ele categoriza como Colonialismo Interno. A concentração do poder coloca sob a tutela da classe dominante exercendo o poder sobre seus dominados, impedindo-os de crescimento em todas as esferas, econômica, social e política. Pablo vai contra a corrente de estudos mexicanos e norte-americanos sobre o real alcance das políticas em favor de igualdade no México, e mostrou através de estudos qualitativos que o desenvolvimento econômico teve sim avanços nas décadas de 30 e 40, mas foi acompanhando de processos que aumentaram a desigualdade no México. A descrição qualitativa do México, para Casanova, nos revela um outro México, um México profundo, para além dos números, com seu interior imerso pela pobreza e incapacidade de tomada de decisão política.

Para Fernandes, a Revolução Burguesa não trouxe ao Brasil autonomia, democracia e igualdade social. Ao contrário, a decisão de manter os laços de dependências, acirrou a desigualdade social e manteve a aliança estratégica da burguesia com o imperialismo. A acumulação de capital tornou-se um fim em si mesmo, garantido pelo forte controle do circuito político pela burguesia nacional. Dessa forma, ao tentar compreender a articulação entre os setores atrasado e moderno, Fernandes preenche o passado com funcionalidade no processo do desenvolvimento econômico gestor de desigualdades sociais, econômica e política. Partindo dessa perspectiva, o desenvolvimento também não é visto por Fernandes, como uma ação histórica com etapas definidas, mas sim ajustado a uma série de fatores internos que o torna peculiar. O capitalismo que floresceu no Brasil é compatível com a dominação imperialista externa, com a exclusão, dinamismos débeis e falta de industrialização autônoma, mas também carregados de particularidades que fazem do país um espaço diferenciado dos modos de desenvolvimento do capitalismo moderno.

Ou seja, dependência e subdesenvolvimento não foram simplesmente impostos de fora, mas fazem parte de uma estratégia específica de desenvolvimento (FERNANDES, 1976, p.222). Compreender esse processo permite pensar o Brasil na contemporaneidade. E para tanto, é necessário atentar para a constituição do modo de produção capitalista, sua expansão inerente e, primordialmente, a particularidade do

mesmo no caso brasileiro. O desenvolvimento do capitalista, de acordo com Florestan Fernandes, se concretizou de forma desigual, tendo na sua base a manutenção da propriedade privada e a precarização do trabalho operário. O capitalismo é responsável não apenas pela produção e reprodução das desigualdades no interior de um único país, mas também em um conjunto de países que estavam inseridos na lógica do capitalismo dependente, como por exemplo, os países da América Latina.

Para Fernandes a Revolução Burguesa no Brasil foi um fenômeno estritamente político, com o objetivo de manter a ordem e fortalecer o capitalismo no país. Esta burguesia vive um dilema nesse processo, ela também busca sua sobrevivência no capitalismo, tendo que se proteger do apetite da burguesia internacional e sufocando a população a nível nacional. Dessa forma, o poder e a democracia ganham novos formatos em países de capitalismo dependente.

O poder que se impõe sem reboços de cima para baixo, recorrendo a quaisquer meios para prevalecer, erigindo-se a si mesmo em fonte de sua própria legitimidade e convertendo, por fim, o Estado nacional e democrático em instrumento puro e simples de uma ditadura de classe preventiva. (FERNANDES, 2006, p. 346).

Esse processo teve como consequência uma democracia restrita aplicada por uma ditadura de classe que tinha como intuito o favorecimento ao desenvolvimento capitalista no Brasil. Assim sendo, o processo do desenvolvimento do capitalismo no Brasil ficou dissociado de um amplo processo democrático, partindo de formas autocráticas de poder.

Em A Revolução Burguesa no Brasil, Florestan constitui a trajetória do capitalismo no Brasil, tanto como forma de expropriação econômica como de dominação política. A sociedade de classes engendrada por essa forma de produção de produção revelou-se, no Brasil, incompatível com uma revolução democrática e nacional, desembocando em um Estado autocrático-burguês. Historicamente, os estratos dominantes das classes possuidoras não tiveram o mesmo estatuto das suas congêneres das sociedades capitalistas originais. Demonstra o autor a incapacidade dessas burguesias em fomentar e dirigir uma revolução democrática. A formação social dessa burguesia, seus vínculos externos de dependência e as oportunidades de uma sociedade ainda com precária organização dos setores populares, fizeram com que essa burguesia auferisse todas as vantagens de sua condição de se autoprivilegiar, sacrificando a universalização dos direitos. A dominação burguesa associou-se a procedimentos autocráticos de uma democracia restrita, válida para os iguais, excluindo da Nação a maioria dos despossuídos (TÁTORA, 1999, p.11)

Deste modo, nossa democracia é marcada por uma restrição à massa da população e tem como objetivo beneficiar as classes possuidoras do poder econômico e político. Foi capaz de organizar um novo tipo de Revolução Burguesa no Brasil, que se manteve fortalecida no seu objetivo de brechar as pressões igualitárias das classes dominadas, tornando difícil à elas a integração no sistema democrático de direitos e reservando apenas o direito aos deveres em relação a Nação.

Do mesmo modo que Casanova dialoga com a vertente econômica e científica norte-americana, Fernandes também trava um intenso debate acerca do desenvolvimento econômico tendo como principal interlocutor o ISEB. Fernandes foi um intelectual que sempre se posicionava nas polêmicas do seu tempo, manifestando seu pensamento em seus trabalhos escritos, por isso percebemos em seus textos diversas citações de autores que ele não concordava, mas nem por isso ignorava, ao contrário, debatia as ideias com alta nível de cientificidade. Conforme Francisco de Oliveira nos fala:

“Florestan não é lido como um clássico do subdesenvolvimento nem da dependência, apesar da presença explícita dos dois temas na sua bibliografia, até mesmo em muitos títulos de seus livros. Sua produção sobre os temas é posterior às da Cepal e às fundações de Furtado. Pode-se dizer, sem desdouro para o mestre paulista, que a influência de Celso Furtado reorientou a produção teórica de Florestan, que resultou, devido à sua extraordinária bagagem e à influência do marxismo, uma obra extraordinariamente original” (ADAUTO, 2003, p.477)

Como já foi tratado no desenvolvimento desse trabalho, a história do América Latina em fins da década de 1950 e começo dos anos de 1960 teve inúmeras mudanças que transformaram as sociedades mas também o pensamento político latino-americano. Mudanças nos regimes de governos em vários países da América Latina e a transição do capitalismo baseado na concorrência para o capitalismo monopolista tiveram significativa influência no pensamento de Florestan Fernandes que tinha posição crítica quando o assunto era o desenvolvimento e subdesenvolvimento no Brasil, para ele o desenvolvimento econômico era um projeto em disputa pelas classes no interior da sociedade brasileira. Fernandes pensava que a situação política, econômica e social dos países na América Latina foi sempre caracterizado por forte polarização social, autonomia limitada e integração dependente aos países centrais. No entanto, para o sociólogo paulista, outras determinantes são visíveis nesse processo e a análise sobre o

desenvolvimento do capitalismo na América Latina, fatores internos se encontravam em comunhão com os fatores sistêmicos. As escolhas realizadas pela burguesia nacional e a falta de consciências de classe são alguns fatores internos que alimentavam a exploração externa e interna.

Uma das principais críticas realizada por Fernandes ao nacional-desenvolvimentismo era a negligência dos fatores políticos e sociais que estavam presentes no campo interno de cada nação que aprofundavam os aspectos da desigualdade social desses países. A CEPAL, instituição que promoveu o debate acerca do desenvolvimentismo, teve o enfoque direcionado para aspectos externos de dominação, a deterioração dos termos de troca, não levando em muitos momentos, em consideração fatores internos de concentração de terra nas mãos de latifundiários ou a existência de uma burguesia nacional capaz de direcionar o processo de desenvolvimento econômico nacional.

Percebemos que para compreensão da realidade brasileira e mexicana, Pablo e Florestan se valeram de um aporte teórico extenso e alcançaram como poucos, o objetivo de usar os recursos metodológicos de base europeia e norte-americana recriando-os na medida em que fosse necessário para explicar a realidade de ambos os países. Os dois autores conseguiram usar o conhecimento prévio que as ciências sociais produziram em décadas passadas e ao mesmo tempo conseguiram de uma maneira muito inovadora criar ferramentas que fossem possível captar a realidade desses países de uma maneira inovadora, se comparado com o que estava sendo feito na década de 1930 e 1940.

“Na verdade, o cientista social latino-americano [...] está tentando responder a uma exigência mais ampla. Ao que parece, ele procura redefinir a natureza da teoria nas ciências sociais. Busca um conhecimento mais integrativo, que permita incluir nas indagações facetas que foram ignoradas onde o labor abstrato deformou e empobreceu os alvos explicativos e práticos das ciências sociais. Delineia-se na América Latina uma insatisfação profunda contra o que se fez na Europa e nos Estados Unidos, a esse respeito, e daí resulta um esforço criador altamente ambicioso, que poderá redundar, também a longo prazo, numa melhor combinação de alvos abstratos, empíricos e práticos no tipo de teoria a ser construído pelos cientistas sociais” (Fernandes, 1976[1965]: 194).

É nítido que os trabalhos realizados pelos autores já citados nessa dissertação, tiveram importante contribuição na construção teórica e metodológica que são ainda fundamentais para tentativa de sínteses capazes de enfrentar os dilemas históricos que ambos os países ainda vivem. Outro ponto de destaque no trabalho de Casanova e Fernandes é o uso não exclusivo da teoria marxista, nenhum dos dois pode ser, neste período, caracterizado como marxistas, mas a partir da perspectivas que alcançaram conseguiriam reconstruir de um modo inovador as análises estrutural-funcionalista partindo do dialogo com outras correntes de pensamento que vigoravam na época. O problema enfrentado pela CEPAL em décadas anteriores como a transição do tradicional para o moderno, do modo de produção agrário para o industrial, passaram a ser questionados pelos intelectuais que buscavam um caráter específico da forma social, política e econômica da América Latina.

A reviravolta do marxismo na América Latina representou, para a sociologia crítica, um ganho no que diz respeito ao aprofundamento de suas categorias interpretativas e dos aspectos históricos que constituem a dominação sob o capitalismo dependente. Essa dominação se manifesta nos terrenos simultâneos da exploração de raça e de classes. Foi um dos méritos do marxismo latino-americano superar os limites das formulações eurocêntricas e incorporar, na análise de realidades históricas concretas, o exame da dominação étnico-racial ao da exploração econômica típica da sociedade de classes. Nesse sentido, as explorações de tipo colonial, imperialista, pré-capitalista e especificamente capitalista se combinam numa mesma realidade histórica na América Latina, sem que a raça seja reduzida à situação de classe ou, vice-versa, a classe seja desconsiderada pela primazia dos conflitos entre grupos étnico-raciais diversos (COSTA, 2010)

Fernandes e Pablo procuram fugir das análises duais, arcaico e moderno, que eram realizadas na América Latina, principalmente na CEPAL, mas também muito presente no pensamento social brasileiro no começo do século XX. Boa parte das iniciativas realizadas pelos intelectuais latino-americanos estava voltada para a superação desse tipo de análise, no entanto, no livro de Pablo Gonzalez, *A democracia no México*, vemos resquícios dessas análises dicotômicas da sociedade mexicana. Quando Casanova formula o conceito de sociedade plural, teve a intenção de mostrar a existência de distintos México que eram marcados pela questão racial, étnica, política e cultural distintas no território mexicano.

Nos primeiros passos para desenvolver a teoria marxista da exploração, González Casanova iria realizar um admirável esforço de autocrítica dessas antigas categorias dualistas e avançar na proposta de integrar a análise do caráter específico das formações sociais da América Latina, dado pela articulação e não dualidade entre as modalidades de exploração pré-capitalistas, subcapitalistas, neocoloniais e capitalistas, à compreensão de suas intermediações com os monopólios multinacionais e internacionalizados, protegidos pelo poderio político e militar das nações imperialistas da Europa Ocidental e sua superpotência, os Estados Unidos. A construção de sua visão marxista original sobre a exploração e dominação coloniais não poderia estar dissociada do referido contexto intelectual latino-americano, responsável pelas críticas à divisão da totalidade social em compartimentos estanques e pelo aprofundamento simultâneo do método dialético de análise concreta das situações concretas (COSTA, 2010)

Para Casanova, a estrutura social mexicana possuía três bases que a sustentavam. 1) O marginalismo, que exclui parte significativa da população do processo de desenvolvimento econômico, política e social consequência da forma de articulação polarizada que a classe dominante empreendi o domínio sobre essa parcela da sociedade. 2) base é a sociedade plural, que existem distintos grupos na sociedade mexicana, crioulos, índios, espanhóis e os brancos que se sobrepõe sobre os demais impondo sua autoridade com base na superioridade cultural e intelectual. 3) A última, que a reprodução de forma de exploração colonial, baseada em relações mediadas pelo preconceito, discriminação, e exploração do tipo colonial. O colonialismo Interno, exige uma análise articulado com os fatores econômicos, políticos e sociais, nesse sentido, o conceito de colonialismo interno tem a função de investigar a exploração no sistema capitalista, mas tem a intenção de ir além das análises da relação de classes, ampliando a relação entre países ou até mesmo de um povo sobre o outro dentro de um mesmo país.

Conclusão

Até o momento este trabalho se propôs a investigar os conceitos e as formas de investigação que Pablo González Casanova e Florestan Fernandes utilizaram para análise da relação do desenvolvimento econômico e a democracia no México e Brasil das décadas de 1950 e 1960. Acreditamos que em pesquisas posteriores há um potencial

de ir além desses pontos, investigando, por exemplo, quais as influências intelectuais da sociologia americana e europeia que Pablo e Florestan dialogavam neste período? Como os conceitos produzidos nos Estados Unidos e Europa foram reconstruídos e utilizados pelos intelectuais latino-americanos? Quais foram os diálogos existentes entre os sociólogos latino-americanos nesse período? Enfim, esses e outros tantos pontos merecerão atenção em futuros trabalhos.

Finalmente, Pablo González e Florestan Fernandes recebem destaque em seus países pela conjugação dos esforços teóricos com a busca de melhores condições de vida das populações que vivem a margem do sistema capitalista. Usam do seu conhecimento técnico e científico para impulsionar o processo de modernização inclusiva da sociedade mexicana e brasileira. Os extensos trabalhos de ambos os sociólogos são marcados pela busca incansável pela igualdade e contra a concentração de poder excessiva e ultrajante que a classe dominante de seus países possuem.

Estudar as obras de Casanova e Fernandes, é ter a oportunidade em se deparar com um pedaço da América Latina que poucos têm o conhecimento, é ir além do convencional, é buscar as verdadeiras razões das mazelas que afligem os negros, índios, crioulos e mulatos. Para dizer tudo em poucas palavras, as obras desses dois intelectuais têm como um dos objetivos a busca pela liberdade, e a primeira liberdade que podemos conquistar, é a liberdade intelectual, de pensar por si mesmo, é isso que os dois cientistas sociais propõe em meados dos anos de 1960.